

As organizações internacionais cujas orientações são referidas incluem a Organização das Nações Unidas, a sua agência especializada UNESCO, o Conselho da Europa e a União Europeia.

Em relação a cada uma delas, um pequeno enquadramento histórico e temático precede a indicação dos instrumentos que se debruçam sobre a questão e de que se apontam referências específicas mais significativas. No caso das Nações Unidas evoca-se o trabalho da Comissão do Estatuto das Mulheres (CSW) e apontam-se os artigos relevantes da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW), bem como os objectivos estratégicos da Plataforma de Acção de Pequim adoptada na IV Conferência Mundial sobre as Mulheres em 1995. No caso da UNESCO merecem particular relevo as Recomendações e Declarações das Conferências de Ministros e Altos Responsáveis pela Educação Física e Desporto. No que se refere ao Conselho da Europa aponta-se igualmente para as Resoluções e Recomendações, quer das Conferências especializadas de Ministros responsáveis pelo Desporto, quer da Assembleia Parlamentar. Finalmente, relativamente à União Europeia indicam-se as orientações contidas em Recomendações adoptadas pelo Parlamento Europeu bem como em textos adoptados em Conferências de Ministros responsáveis pelo Desporto no âmbito de presidências da União.

Em todos os casos há temas e orientações que se repetem e se cruzam nas diversas instâncias – a participação das mulheres na actividade desportiva, incluindo nos jogos olímpicos, a prevenção do abuso e do assédio no desporto, a representação das mulheres na gestão e organização desportiva e nos seus níveis de decisão, a saúde da mulher atleta, o valor educacional e democrático do desporto e a igualdade de oportunidades para as mulheres neste âmbito, etc.

No que se refere a organizações não governamentais, merecem particular atenção o Comité Olímpico Internacional e as orientações das suas Conferências Mundiais; o Grupo Internacional de Trabalho Mulheres e Desporto, um órgão de coordenação independente com representação de organizações governamentais e não governamentais das diferentes regiões do mundo e as orientações das suas Conferências Mundiais com relevo para a Declaração de Brighton de 1994; e o Grupo Europeu Mulheres e Desporto, também um grupo independente composto por representantes e pessoas de contacto relativamente à igualdade de género nas organizações desportivas governamentais e não governamentais de cada país que, nas Conferências Europeias que regularmente promove, tem emitido orientações de princípio e de carácter programático, bem como apelos à acção para uma maior igualdade e participação das mulheres no desporto.

Relativamente a Portugal, as autoras, tendo feito uma análise breve das opções e prioridades políticas dos vários governos para a participação das mulheres no desporto, concluem por uma quase invisibilidade da dimensão de género nessas opções e políticas, embora algumas medidas nesta área figurem designadamente no I e II Planos para a Igualdade (1997 e 2003).

No âmbito da intervenção não governamental são referidos os casos do

**Koning, Maria Helena/Marijke de (2006), *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher-Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintassilgo*, Porto, Edições Afrontamento.**

Cláudia Feitosa  
Mestranda na Universidade de Évora

«O que aprendi no GRAAL é impossível de resumir. Aprendi a estar por dentro daquilo que eu acho importante na vida. Aprendi a deixar as (minhas) palavras subir dentro de mim. Aprendi a ser lúcida sobre mim própria. Aprendi a estar e a trabalhar com os outros. Aprendi a partilhar projectos e ideias. Aprendi a pensar as coisas muitas vezes ao contrário da «instrução» de que tinha sido objecto...»

Marijke de Koning

Aprender a ser, aprender a dizer. Uma caminhada, um percurso de uma mulher que se descobriu sujeito, agente de sua própria história. No seu livro *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher-Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintassilgo*, Marijke de Koning busca sentidos, relata descobertas, percorre caminhos e convida-nos a uma viagem que vai da acção à palavra. Convoca-nos a uma inversão: normalmente é a palavra e depois vem a acção. Neste caso não. Da acção, da história surge a palavra. Palavra que ao ser pronunciada interpreta e re-interpreta a história, ressignifica as acções, reforça as identidades. Identidade(s) que serão construídas na interacção com os textos teóricos e empíricos usados neste percurso. Para a autora uma preocupação é conjugar num diá-

logo as vozes de outros e outras que atravessam o seu texto, com o que é próprio dela mesma.

Ser ela mesma. A(s) identidade(s) é(são) sempre um ponto de referência. É uma construção que transcende as particularidades dos indivíduos para inseri-los num projecto maior, num determinado momento histórico. Sendo assim a(s) identidade(s) são continuamente formadas e transformadas na relação com os outros, no conviver, no devir constante.

Sabemos que importantes transformações ocorreram nos últimos anos, e que as mulheres conseguiram grandes e valorosas conquistas. Mas ainda há que se perguntar: somos realmente sujeitos da nossa história? Somos agentes do nosso destino? Contrariamente ao que podemos pensar, em muitas ocasiões e em muitos lugares, as mulheres ainda estão longe de serem agentes de sua história. Agente «não é aquele que age em conformidade com o lugar que ocupa na organização social, mas sim aquele que modifica o meio material, e sobretudo social no qual está situado, transformando a divisão do trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação ou as orientações culturais»<sup>1</sup>.

Pensar as transformações na sociedade em conexão com a história das mulheres, reflectir sobre as identidades e sobre o papel da educação nos contextos sociais e culturais nos quais estas mulheres estão inseridas, relatar e reflectir experiências, trabalhar a construção do sujeito-mulher para, a partir destas narrativas, influenciar e ser influenciada por outras mulheres, agentes no seu contexto histórico-social são alguns dos passos que precisamos empreender nesta longa caminhada.

### Apresentação da obra

O livro está constituído de um prefácio, uma introdução, seis capítulos (*Da Acção à Palavra: introdução a uma História e a uma Viagem; Uma Metodologia de Investigação centrada na Filosofia de Conscientização de Paulo Freire, Uma Educação para a emergência do Sujeito-Mulher; O GRAAL como contexto de conscientização de Mulheres; Percursos de Conscientização: uma viagem através de iniciativas, projectos e redes de mulheres, O Sentido em construção para o futuro do Sujeito-Mulher*) e uma bibliografia. No prefácio vemos já anunciado a intencionalidade do livro, evocando o percurso de criação e de reflexão. Ao fazer a introdução Marijke de Koning apresenta-nos a obra, que se faz através das aprendizagens em contextos de educação não-formal. Aprendizagens estas que, segundo a autora, contribuíram para a emergência do sujeito-mulher, num trabalho de conscientização, de reflexão e de transformação. O binómio denúncia/anúncio, inspirado nas reflexões de Maria de Lourdes Pintassilgo, configura-se como marcante neste livro.

<sup>1</sup> TOURAINE, Alain, *Crítica da Modernidade*, Lisboa, Instituto Piaget, 1992, p. 247.

No primeiro capítulo a autora discorre sobre a importância de se escrever histórias, unindo as palavras e a acção como instrumentos de acção e reflexão. Trata a escrita desta história como uma oportunidade de visitar contextos e rever conceitos. Utiliza o termo *viagem*, segundo ela, para dar relevo à mobilidade entre os textos e os tempos, permitindo desvendar o sentido da história contada.

No capítulo seguinte apresenta-nos a reflexão sobre uma metodologia de Investigação centrada na Filosofia de Conscientização de Paulo Freire. Nela justifica a sua escolha metodológica e epistemológica. Posteriormente irá apresentar-nos uma Educação para o Sujeito-Mulher que traz como questão central a promoção do sujeito mulher. Busca estruturar diversos momentos no seu percurso de aprendizagem e formação.

Em seguida apresenta-nos a Instituição O GRAAL como contexto de conscientização de mulheres. Retoma a sua viagem, no capítulo cinco, ao fazer uma intersecção da sua história com a história da Instituição valorizando o contributo de cada uma das pessoas que cruzaram o seu caminho e colocando o seu saber à disposição e ao serviço de outras pessoas.

O último capítulo tentará aprofundar o sentido do trabalho de formação com as mulheres, trazendo à tona diversos e importantes questionamentos, e buscando encontrar alternativas de solução para as dificuldades encontradas.

### O ser mulher em construção

Na obra em referência a autora através do conceito *história* cruza narrativas pessoais com narrativas de uma instituição e através destas histórias interpreta e ressignifica as suas origens, reforçando a(s) sua(s) identidade(s). Identidades que se percebem nestas histórias. A escrita destas histórias é também uma oportunidade para visitar conceitos que foram, ou são, estruturantes na sua prática pessoal e profissional. O «Eu» da autora cruza-se com outros «Eus» que também têm histórias comuns, caminhos que se entrelaçam. É um «Eu» em relação com outros.

Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintassilgo são para a autora dois grandes referenciais de vida e de profissionalismo. Um saber centrado no sujeito que é, ao mesmo tempo, singular e plural, que dialoga e reivindica. «A pedagogia de Paulo Freire é uma referência central no meu trabalho educativo e, deste modo, as suas ideias atravessam todo o meu trabalho, são ideias transversais dentro do trabalho» (p. 35). Paulo Freire é para a autora o que ela denomina de pai filosófico e Maria de Lourdes uma mãe simbólica. Pais filosóficos e Mães simbólicas são para a autora aqueles que lhe proporcionaram tantos textos escritos como os seus textos de vida, os quais constituem o suporte de sua prática educativa. O que ela chama texto da vida é o texto da viagem de cada ser humano através do tempo e do espaço. Expressa-se desta forma sobre isto: «para que a educação possa ser esta viagem de ir para, ela tem de partir do lugar onde cada um/a se situa, da experiência concreta que é sempre atravessada pelo “sentir”» (p. 36).

Também outros autores, como por exemplo Alain Touraine, concordam com o facto de que a ideia de sujeito tem as suas raízes na experiência vivida<sup>2</sup>.

Sendo a educação um trabalho do sujeito sobre si próprio, sobre as suas relações no mundo, este sujeito estará sempre presente no processo de investigação, influenciando e sendo influenciado pelo referido processo.

«Criar o sentido, num devir constante, é procurar construir-me enquanto Sujeito-Mulher que se projecta no futuro através da narração do passado» (p. 45). A Identidade é vista como uma viagem, um retorno ao passado revisitando lugares onde já estivemos, situações que já vivemos. Nesta viagem posso desvelar factos e chegar a uma visão mais crítica da minha história. Partir da experiência, reflectir sobre ela, ampliar esta visão com novos conceitos e novos aprendizados, ter novos instrumentos para agir e, assim sendo, intervir na realidade para modificá-la. Este é um caminho a ser percorrido. Este é um aprendizado a ser feito.

Fazer emergir o sujeito, despertar criticamente para modificar a realidade. Qual o papel da Escola nesta tarefa? Vemos que ainda há muito que melhorar. Expressar as suas opiniões, ser respeitada(o), ter espaços de reflexão e produção é o sonho de muitos destes alunos e alunas. É imperioso o ensino dos conteúdos, mas não somente eles. Para Paulo Freire «só numa compreensão dialéctica da relação escola-sociedade é possível não só entender, mas trabalhar o papel fundamental da escola na transformação da sociedade<sup>3</sup>». Este papel não se restringe à transmissão de conhecimentos mas amplia este universo com a formação axiológica e com a criação de espaços, nos quais os educandos possam expressar as suas ideias, serem ouvidos e respeitados, e preparados para analisar criticamente aquilo que lhes é ensinado, acrescentando o seu saber e emergindo como sujeito/ agente da sociedade. Este trabalho tem no «diálogo» uma estratégia, diálogo que para Freire é uma exigência radical.

Marijke argumenta que «um trabalho de formação, que tem como objectivo contribuir para a mudança social, é constituído por percursos múltiplos e nómadas (circulares) da palavra à acção e da acção à palavra» (p. 68). Aprendermos a falar quando, por tanto tempo, tivemos negado o direito de expressão. Tínhamos, enquanto mulheres, de nos restringir ao espaço privado. Trazer a palavra à público, defender as nossas ideias, explicitar as nossas experiências, problematizá-las, são desafios que, ao serem superados, podem gerar transformações, podem tornar-nos mais humanas. «Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo»<sup>4</sup>.

O sujeito que se constrói e se reconstrói, reelaborando as suas experiências e vivências, dando-lhes um sentido. Este sujeito que emerge da luta diária, daquilo que foi vivido, das relações construídas poderá contribuir com a emancipação

<sup>2</sup> TOURAINE, Alain, *Iguais e Diferentes – Poderemos viver juntos?*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997, p. 92.

<sup>3</sup> FREIRE, Paulo, *A Educação na Cidade*, São Paulo, Ed. Cortez, 1999, p. 53.

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1970, p. 78.

das mulheres: uma nova forma de emancipação na qual elas tenham espaço e reconhecimento na esfera pública, tenham condições favoráveis ao desenvolvimento dos seus trabalhos, possam usar as palavras com coragem, mas também e por que não, em alguns momentos com receios. Alain Touraine afirma que «não é o indivíduo como tal que procura reconstituir-se, encontrar a sua unidade e a consciência desta. Esta reconstrução só pode realizar-se se o indivíduo se reconhece e se afirma como Sujeito, como criador de sentido e de mudança e também de relações sociais e de instituições políticas»<sup>5</sup>.

Sendo assim, durante toda a sua obra, Marijke procura aproximar o trabalho de reflexão teórica à acção, à prática do trabalho de formação das mulheres executado pelo GRAAL. Tal postura implica a criação de contextos, fazendo surgir redes de sociabilidade e de solidariedade, atitudes de compreensão com outros seres humanos. Para Edgar Morin «o problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro»<sup>6</sup>. Compreensão esta que é uma condição para a solidariedade, que se faz mais do que nunca necessária nos encontros e relações dos iguais e, principalmente, dos diferentes.

A educação tem imensa importância para a compreensão, percebem-se as pessoas enquanto sujeitos, respeitando as suas identidades. Educação que sozinha não garante a transformação da sociedade, mas sem a qual esta mesma sociedade não poderá evoluir muito. Educar para a justiça, para o respeito, para a igualdade é a tarefa que temos todas e todos nós educadores do século XXI.

A construção da(s) identidade(s) de milhares de mulheres, ao longo do tempo, tem sido auxiliada pelas histórias de vida de outras mulheres, que ao fazerem ecoar as suas vozes, permitem que outras se igualem nos seus percursos. Esta(s) identidade(s) são compreendidas como uma multiplicidade de papéis sociais, construindo-se e reconstruindo-se a partir da viagem de cada uma, através dos tempos e dos espaços. Tornam-se um colectivo que está unido por causas e interesses comuns. Uma colectividade que, de acordo com Ana Carina Vilares, «não tem obrigatoriamente de anular a diferença e a alteridade para a qual o outro ser me convoca. Ela pode ser sim um movimento comunicacional e de consciencialização de que existem pessoas diferentes, capazes de confluir para a construção de um mundo mais humano e relacional»<sup>7</sup>.

Nesta viagem e ao reflectirem sobre as suas práticas, ao recontarem as suas histórias estão empoderando-se e, desta forma, preparam-se para ingressar no espaço público, tendo condições de se fazer ouvir, de reivindicar os seus direitos,

<sup>5</sup> TOURAINE, Alain, *Iguais e Diferentes – Poderemos viver juntos?*, op. cit., p. 87.

<sup>6</sup> MORIN, Edgar, *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*, Brasília, Cortez Editora, UNESCO, 2000, p. 93.

<sup>7</sup> VILARES, Ana Carina, Retirado de um texto escrito como recensão crítica de um texto de YOUNG, Iris Marion, «O gênero como serialidade. Pensar as mulheres como um colectivo social», texto policopiado.

de ter autonomia e reconhecimento social. Reconhecimento que lhes foi negado por muito tempo, pois durante séculos as mulheres viram-se através do olhar masculino e tiveram as suas histórias contadas por outros. Foram heterodesignadas.

Libertarmo-nos deste olhar que escraviza, seja ele dos homens, seja ele de nós mesmas. É preciso ser a protagonista da própria história, é urgente que tomemos a palavra e a utilizemos em nosso favor, que nos reconheçamos enquanto sujeitos e que, ao olharmos para a linha do horizonte, tenhamos a certeza de que mudamos e de que hoje a nossa história não é apenas feita de silêncios e reticências.

A obra em destaque conjuga uma narrativa autobiográfica com a narrativa de outras histórias, dando voz a uma infinidade de sujeitos. Como resultante das suas experiências de vida, a autora foi capaz de articular de modo brilhante presente/passado, denúncia/anúncio, prática/reflexão teórica, de tal forma, que o livro transcende as palavras numa teia de significações, despertando em nós leitores/leitoras a vontade de reflectir, ao mesmo tempo que nos comprometemos com a construção partilhada de uma história mais igual, numa *viagem* que continua a cada passo.

Um desses nomes foi, sem sombra de dúvida, o de Adela Cortina, ilustre filósofa espanhola especialista em Ética e Filosofia Política, igualmente, Professora Catedrática na Universidade de Valência, que através da sua comunicação de abertura, *Ética, Ciudadanía y Desarrollo*, nos adentrou no reconhecimento da Ética como dimensão incontornável para o desenvolvimento sustentável e para a construção de uma cidadania inclusiva. A consistência ética de uma cidadania capaz de empoderar os seres humanos na sua auto-realização pessoal e pública foi também o traço deixado por Manuela Silva, economista e presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz, e que, a par de Adela Cortina, nos legou a preocupação e o alerta para as questões do *empowerment* como condição de possibilidade de um desenvolvimento humano mais justo e, de igual modo, sustentável, capacitado a responder à pobreza como demanda e problema. Numa das vias abertas à reflexão, Marijke de Köning, investigadora da Fundação Cuidar o Futuro, criada por Maria de Lurdes Pintasilgo, e Alexandra Sofia Silva, da Rede Jovem para a Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres, lançaram o debate acerca da relação entre *Voluntariado e Cidadania* e de que modo a acção voluntária, comunitariamente entendida, pode dotar os grupos sociais de uma maior e mais cuidada sensibilidade moral, sempre atenta à realização de uma autêntica cidadania civil com «*cabeça, tronco e membros*». Para tal, é crucial o papel da educação e, nesse encaço, em conjunto reflectimos acerca das problemáticas da educação enquanto práticas de *empowerment* dos diferentes grupos sociais. O *Papel dos Manuais Escolares na Educação para a Diversidade* foi a Mesa Redonda que mais trouxe a lume, e de um modo literalmente ilustrativo, essa temática. Paula Botelho Gomes, Professora Associada da Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto, e Teresa Alvarez, mestre em Comunicação Educacional Multimédia a exercer funções na Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, souberam identificar os diferentes tipos de simbólicas discriminadoras e problematizar a sua eficácia na exclusão da vida social, sobretudo, no papel que essas simbólicas legam aos jovens de hoje, que, sem dúvida serão os adultos de amanhã, imbuídos na vida pública e, por vezes, avessos à questão da paridade entre homens e mulheres.

Reverter essa e outras perspectivas acerca da articulação entre a cidadania inclusiva, a participação política e a partilha do poder foi o papel de Maria do Céu da Cunha Rêgo, cuja comunicação «*A paridade como estratégia para a democracia*» foi lida por Conceição Nogueira e publicamente debatida, e do Professor Silvério da Rocha e Cunha, docente na Universidade de Évora e cujos «*Dilemas da Cidadania numa Era da Compressão*» abanaram as mais acanhadas concepções do mundo e da vida, sobretudo, ao nos fazer lembrar o colossal valor da universalidade em qualquer projecto humano, mau grado, assistir, vagamente esquecido, aos deslizes das democracias de cunho representativo. A igualdade e a sua decorrente universalidade deram, assim, o mote à repercussão das questões de género e da cidadania nas sociedades do Sul da Europa. Investigadoras ligadas aos Estudos de Género em Portugal e aos corpos redactoriais das Revistas *Ex*